



# Uso e Abuso do Afro do Brasil na África<sup>1</sup>

Livio Sansone

Como todos os continentes, a África é uma entidade cujas fronteiras e geografia são tão físicas quanto políticas, românticas e morais – um continente, digamos assim, poroso e em fluxo. Isto se nota ainda melhor pelas bordas da África, aquelas partes cuja africanidade é frequentemente contestada, seja na cultura popular, seja nos relatos dos acadêmicos – tanto por serem grupos congenitamente “estranhos” ao continente africano, porque não suficientemente nativos, negros ou autóctones, e por ficarem nas margens geográficas da África, espalhadas no Oceano Atlântico ou Índico (MBEMBE, 2001). A partir destas margens, torna-se evidente que a África é um continente que pode ser entendido e narrado de dentro para fora, mas também de fora para dentro. De fato, se considerarmos as narrativas dos últimos dois séculos sobre o que seria a África e a africanidade que mais impactos tiveram no Ocidente, tanto no pensamento racial e racista quanto nas ciências humanas e no pensamento antirracista, perceberíamos que elas, em sua esmagadora maioria, têm sido construídas de fora para dentro.

Os projetos identitários na própria África não são indiferentes a esses usos e abusos da África fora do continente e se dão em uma tensão entre construções centrífugas – de fora para dentro – e centrípetas – de dentro para fora. A força e a fortuna de umas ou outras é codeterminada por uma série de fatores: a geopolítica do conhecimento (MUDIMBE, 1988; MIGNOLO, 2005); poder e hierarquias nos fluxos globais dos artefatos culturais e identitários veiculados

---

<sup>1</sup> Jogo de palavras fundado no meu texto “Uso e abuso da África no Brasil”, publicado na revista, *Afro-Ásia*, 27, p. 249-269, 2002. Disponível em [www.afroasia.ufba.br](http://www.afroasia.ufba.br).





não somente pelo mercado, mas também por museus, bibliotecas, arquivos, fundações etc.; os fluxos populacionais associados a turismo, migração e diásporas; e finalmente, as (novas) tecnologias comunicacionais.

Boa parte desses olhares e narrativas de fora sobre África e africanidade é produzida na parte sul daquela região que Paul Gilroy (2002) chamou de Atlântico Negro, e que outros preferem chamar de diáspora. América Latina, Caribe e África sempre tiveram uma relação específica e relativamente intensa em termos de fluxos culturais, desde que foram construídas como regiões político-culturais pela primeira modernidade. Essas regiões mantiveram entre si uma relação sul-sul bem mais antiga que aquela selada pela noção de Global South (Sul Global), que se afirma nas ciências humanas nos anos de 2000. Na música, no esporte e na literatura, esse fluxo se deu de forma mais evidente.<sup>2</sup> Estilos e gêneros musicais, credos e línguas, embora instalados inicialmente como resultado do processo colonizador dos dois lados do Atlântico, cedo se configuram também como oportunidades e canais transnacionais de trânsito para expressar sentimentos “outros”, de emancipação e libertação. Longe de sempre haver uma ditadura dos significados e uma hegemonia cultural do Norte, naquilo que hoje chamamos de Sul Global se consegue, por vezes e através de algumas frentes, subverter o sentido das coisas, contribuindo para criar uma “guerra cultural”, ou luta pelo controle de sentidos, entre diferentes projetos de uso da cultura.

No caso de Cabo Verde, pode até se falar de uma verdadeira tradição em termos de um acúmulo de olhares de fora e de soluções centrípetas – que procuram “fora” solução para os problemas de “dentro”. Neste texto concentro-me nos trânsitos de ideais com o Brasil – muitas vezes preponderante, embora absolutamente não seja este o único país fonte de inspiração. Isto é facilitado pelo fato de intensas relações entre culturas e artefatos criados no Brasil e os equivalentes criados ou pensados em Cabo Verde já existirem há séculos (LOBBAN, 1995). Pensamos, sobretudo, na adaptação do gado e das plantas, na educação dos escravos e em sua ladinização, na cultura e no jargão dos marujos, no uso de ferramenta e técnicas (primordialmente, a moenda, o trapiche e o alambique); nos santos, nas devoções e irmandades católicas; nos estilos e gêneros musicais antigos (lundu) e novos (o samba, a bossa nova, a tropicália – lembramos que a *tournée* brasileira de Cesária Évora foi acompanhada por Caetano Veloso – e o estilo tecno-brega, cujo

---

2 De forma anedótica quero dar três exemplos fenomenais: o famoso hino popular da independência do Congo Belga, “Cha, Cha, Cha de l’Independence”, cantado por Nico; quão grande é a torcida pelo Brasil entre africanos, sobretudo quando o Brasil enfrenta nas finais um time do Norte ou “branco”; o impacto de certo Jorge Amado na literatura moçambicana a partir dos anos de 1970 (MIA COUTO, 2011).





exemplo forte é, nos últimos anos, a popularidade em Cabo Verde da banda Calypso, originária de Belém do Pará).<sup>3</sup>

Hoje, transitam entre intelectuais brasileiros CDs das cantoras Sara Tavares e Lura e é quase impossível surpreender um colega pesquisador cabo-verdiano com um CD de música brasileira que ele ainda não conheça de jeito nenhum. Há tempos que estilos e gêneros literários brasileiros e suas estéticas (por exemplo, a estética da pobreza) influenciam a literatura cabo-verdiana (HERNANDEZ, 2002). As telenovelas têm tramitado imagens de beleza e consumo ou, mais recente, um imaginário em torno de novas identidades – negra, feminina, homossexual. Igrejas pentecostais brasileiras, com destaque para a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), comunicam uma nova religiosidade moderna, embora se apresentando como antimodernas em alguns aspectos (FURTADO & LAURENT, 2008).

Nos últimos anos também transitam pelo Atlântico duas impactantes vertentes ou fenômenos novos, que são interligados: o processo de patrimonialização da cultura material e imaterial e a espetacularização e a semântica que transmuta preto em “afro”. Ambos são fenômenos que abrem possibilidades, mas também oferecem novas contradições no caso de Cabo Verde.

O primeiro é um fenômeno global – a assim chamada diversidade cultural começa a ser cultuada, o que resulta, às vezes, em medidas multiculturais na educação e até na prática do Estado. Este fenômeno encontrou no Brasil uma variante própria a partir de 2002. Essenciais, neste sentido, têm sido a introdução e a paulatina implementação da Lei Federal 10.369, que torna obrigatório em todos os níveis da educação a matéria Cultura e História Afro-brasileira e Africana (SANSONE, 2007), assim como uma série de medidas e posturas em prol da promoção da diversidade cultural, concebida no âmbito de uma nova valorização da cultura popular, tomadas pelo ministério de Gilberto Gil e promovidas por diversas missões da Fundação Palmares do Ministério da Cultura brasileiro em Cabo Verde.

Para isso, em cada cultura merecedora e em busca de apoio público, segundo os dogmas ditados pela Unesco, e reinterpretados pelos ministérios da Cultura e órgãos de proteção do patrimônio material e imaterial, há de serem identificados itens, lugares, hábitos e artefatos que sejam claramente distinguíveis, originais, autênticos, únicos e, sempre que possível, visivelmente espetacularizáveis. Uma vez que Cabo Verde – um país que se vê e se preza por seu caráter híbrido

---

3 Em janeiro de 2008, quando da minha primeira viagem a Cabo Verde para pesquisa, perguntei ao taxista que me levou do aeroporto para minha hospedagem qual era a música ou o grupo que mais fazia sucesso entre os jovens da Praia e ele me respondeu, feliz de fazer feliz um brasileiro: a banda Calypso – não sabia que eu, à procura de “africanidade”, teria ficado bem mais feliz se ele tivesse falado de um gênero definitivamente cabo-verdiano ou até africano...





e crioulo – deseja possuir itens culturais “evidentemente” singulares e únicos, pode ter dificuldade de alcançar um escore alto em termos de diversidade cultural. Lembro-me de um processo contraditório de celebração da mistura etno-cultural do próprio povo e da tentativa de se afirmar como nação “diferente”, como já revelei no caso de outra nação crioula, o Suriname, que se tornou independente em 1975 – uma data bem próxima à da independência de Cabo Verde (SANSONE, 2010a).

O segundo fenômeno está associado ao primeiro, por este ter criado um novo espaço para a valorização da diversidade cultural. Trata-se, porém, de um fenômeno mais brasileiro, ou talvez próprio do mundo afro-latino – um processo que tem a ver com a transformação paulatina e contraditória do ser negro, assim como de certos ícones da escravidão outrora escondidos, de ônus em bônus, pelo menos em alguns contextos. Refiro-me ao acesso ao ensino superior e à **propriedade** coletiva da terra. Este é um processo relativamente mais linear – porque em crescimento constante desde os anos de 1970 – que aquele de ressignificação do negativo em positivo do ícone **África**, tendo começado com as ideias pan-africanistas e sendo reforçado no decorrer da descolonização e no período imediato que se seguiu a ela. Aqui argumento que esta nova semântica do ícone África no mundo afro-latino não tem deixado de afetar a própria África e, sobretudo, sua margem mais ocidental, Cabo Verde.

Há, ademais, algo específico ao contexto cabo-verdiano. Cada narrativa sobre a modernidade e sobre aquele que seria o progresso, corresponde em Cabo Verde a determinadas narrativas sobre África, africanos e africanidade (FERNANDES, 2006). Nisto as distâncias e os pontos de referência geográficos mudam, tornando Cabo Verde mais ou menos longe da Costa africana (SANSONE, 2010b). Desta forma, a depender do tipo de proximidade político-cultural que se quer salientar, Cabo Verde pode, por assim dizer, mover-se nos mapas geográficos, aproximando-se do Brasil, da costa africana ou da região chamada de Macaronesia – as ilhas oceânicas Madeira, Açores e Canárias, o ponto mais avançado do continente europeu no Atlântico.

Em seguida, apresentarei dois casos concretos de usos (e abusos) do Brasil em Cabo Verde. Mais concretamente tenciono mostrar como ícones e atributos do assim chamado patrimônio cultural afro-brasileiro podem ser aproveitados em um contexto de luta cultural e tentativa de afirmação de alguma singularidade cultural cabo-verdiana, a partir do reconhecimento de um lugar central deste país na diáspora negra transatlântica. Tratarei da tentativa de dramatizar e espetacularizar a noção de Patrimônio da Humanidade e de sua utilidade pública no caso da Cidade Velha, Ilha de Santiago, e do uso da capoeira como terapia antimarginalidade juvenil na cidade do Mindelo, Ilha de São Vicente.





O exemplo da Cidade Velha, que já foi chamada de Ribeira Grande, é um caso complexo de tentativa de patrimonialização feita “por cima”, por vontade de agentes externos aos antigos moradores.<sup>4</sup> Antiga capital da colônia, antes de sua remoção para a cidade da Praia em meados do século XVII, mais fácil de se defender das inúmeras incursões dos piratas, a Ribeira Grande já foi também sede da Arquidiocese e, muito provavelmente, a primeira cidade construída e reforçada em função [do trânsito] do tráfico transatlântico. Ficando quase abandonada, com sua função reduzida a lugar de cultivo de cana e produção de aguardente, devido à relativa abundância de água, veio a ser “redescoberta” ainda no final do período colonial de Cabo Verde, no âmbito de uma tentativa de enaltecer e fincar no passado a presença portuguesa no Atlântico e na África. Uma segunda “redescoberta” se daria nos anos subsequentes à independência, quando o novo Estado começa a reescrever sua história não somente nos livros,<sup>5</sup> mas também nos monumentos e na identificação de novos lugares de memória e em uma série de itens culturais agora a serem definidos como parte do patrimônio cultural da nova pátria.

A terceira redescoberta da Cidade Velha se deu há cerca de 10 anos atrás quando, sob a égide do governo de centro-direita do MPD (Movimento para a Democracia) e em seguida, com mais força, do segundo governo do PAICV (Partido Africano de Independência de Cabo Verde), começa o processo que levaria em 2009 ao reconhecimento deste lugar como Patrimônio Cultural da Humanidade – inscrevendo-o na lista de lugares merecedores deste título gerida pela Unesco.<sup>6</sup> Trata-se, pois, de um contexto em que sempre há agentes “de fora” no processo de “redescoberta” e sucessiva valorização: na primeira redescoberta, os técnicos eram de Portugal; na segunda, sobretudo espanhóis; e na terceira, técnicos estrangeiros e cabo-verdianos, porém sujeitos aos novos e mais severos limites e às orientações da Unesco.

Como mostra em sua pesquisa Flávia Marques dos Santos (2009, p. 25-74), esta forte presença de agentes de fora é uma faca de dois gumes: confere autoridade ao projeto de intervenção, mas aumenta a sensação de estranhamento e pouco controle sobre o espaço por parte da população local que, em muitos casos, não entende quais seriam os benefícios, por exemplo, dos novos e severos limites à tradicional liberdade de construir habitações e estabelecer negócios. O anúncio é feito em linguagem bastante enfática: dar-se-ia um grande fato na história nacional.

---

4 Ver mapa da zona em *Mapa*. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/1310/documents/>.

5 Ver *História Geral de Cabo-Verde*, acessível online no sítio do projeto “Memória da África”.

6 O título de Patrimônio da Humanidade carrega uma série de possibilidades novas, mas também certo ônus para o país que o recebe, como manter e cuidar do patrimônio material e imaterial, garantir a visitação, promover o diálogo com os diversos componentes da população local e, por fim, garantir a sustentabilidade econômica de sua exploração turístico-cultural.





A elevação da Cidade Velha a Património Mundial da Humanidade, decidida pela UNESCO, vai permitir o desenvolvimento do primeiro núcleo populacional surgido na ilha de Santiago, Cabo Verde.

Cabo Verde conta pela primeira vez com uma cidade declarada Património Mundial pela UNESCO. Na Cidade Velha, ou Ribeira Grande de Santiago, o ambiente é de festa desde que o anúncio foi feito em Sevilha, Espanha.<sup>7</sup>

### **A Cidade Velha – O berço da nossa nacionalidade**

Cidade Velha é o berço da cabo-verdianidade. É também a toponímia do que foi a antiga Cidade da Ribeira Grande, que foi capital do arquipélago de Cabo Verde durante alguns séculos. Foi a primeira Cidade que os portugueses tiveram em **África**, na sua aventura dos descobrimentos. Daí ser uma referência obrigatória no contexto histórico das ilhas de Cabo Verde. Dela restam apenas as ruínas, debruçadas tristemente sobre o eterno mar azul do arquipélago, que dormem sob o peso dos anos...



Figura 1. Cidade Velha. Fonte: [www.cidadevelha.com](http://www.cidadevelha.com)

Na Cidade Velha nasceu o Homem crioulo. Foi o ponto de encontro dos primeiros europeus e negros da costa de África trazidos para o povoamento dessas ilhas<sup>8</sup>

7 Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,4436475,00.html>. Acesso em: 11/7/2011.

8 Disponível em: [www.cidadevelha.com](http://www.cidadevelha.com). Acesso em: 11/07/2011.





Uma das coisas necessárias para que um lugar promovido a Patrimônio da Humanidade possa conservar este título ao longo do tempo é o fato de as autoridades que gerem este lugar poderem demonstrar, de várias formas e para vários tipos de público, que há nele algo de diferente, único, não reproduzível, valioso e que precisa ser preservado e valorizado.

Em minha última visita em fevereiro de 2010, a situação era a seguinte: trata-se de um conjunto de casas, dispostas em duas ruas que vão do mar até o fundo da ribeira, algumas igrejas, sendo que duas completamente restauradas e uma utilizada para pequenos simpósios e reuniões (sobretudo sobre temas como patrimônio e identidade nacional), uma praça central (paragem dos ônibus), onde fica o antigo Pelourinho de frente para a praia (na qual é difícil tomar banho por causa das muitas pedras), uns jardins, uns pequenos canaviais com alambiques tradicionais para a produção de aguardente (grogue), uma fonte de água perene (algo singular nesta parte da Ilha de Santiago), as ruínas bem preservadas da antiga catedral, um centro de acolhida para visitantes com alguns quartos (construído em pedra em estilo “antigo”), uns cinco restaurantes (com preços acima das possibilidades dos moradores locais), algumas vendas de produtos turísticos,<sup>9</sup> algumas sedes de ONGs e, por fim, o centro de recepção ao turista, que é gerido pela empresa espanhola que ganhou a licitação do Ministério da Cultura para a exploração e a valorização da Cidade Velha, e que deveria treinar o pessoal local para as novas profissões que o turismo possibilitaria.

Acima da Ribeira fica o antigo castelo, erguido segundo um projeto italiano no decorrer do século XVI e recém-restaurado. Ele é o cartão-postal da zona e recebe, provavelmente, a maior visitação. Faltam pousadas ou um programa de *homestay* que possa funcionar como mecanismo para certa redistribuição de renda. Eu me hospedei na única hospedaria que existe, com somente dois quartos, uma iniciativa de um casal de anciãos que voltaram a seu país de origem – com experiência de migração, primeiro para Dacar e depois para a França – e que investiram nela suas poupanças. O centro de acolhida com a pousada anexa, mencionada acima, é mais caro e pouco aproveitado. Mais bem visitado é o centro de acolhida na Fortaleza, onde todo turista recebe orientação sobre a Cidade Velha e alguma noção sobre a história de Cabo Verde, frequentemente acompanhado pela projeção de um documentário.

É um vale tranquilo, verde, cravado em uma região árida, um lugar lindo para descansar. Mas é isto que “o turista” quer? Por turista entende-se nos documentos oficiais do governo de Cabo Verde e da Unesco, quase por definição, neste caso,

---

<sup>9</sup> Mereceria uma análise detalhada a forma pela qual o acervo destas vendas é montado e quão difícil é criar souvenirs cabo-verdianos.





o viajante internacional, tendencialmente europeu ou norte-americano. Embora sejam poucas as pesquisas aprofundadas sobre o seu perfil e aquilo que ele gostaria de visitar e consumir na Ilha de Santiago,<sup>10</sup> a impressão geral é de que a Cidade Velha, assim como é, não oferece muito a ele: há pouco que possa ser transformado em espetáculo para o tipo de turistas internacionais que visitam Cabo Verde. O que atrai um antropólogo como eu – a combinação de paz, grogue, mar e peixe na brasa – não parece compor o leque daquilo que pode interessar a esse viajante, tanto ideal-típico quanto desconhecido. Os poucos que vêm pela nova e rápida pista que da Cidade da Praia leva em 30 minutos à Cidade Velha ficam, em média, cerca de duas horas entre a visita ao forte, ao largo do pelourinho e às igrejas restauradas. Mais demoradas, mas pouco consumidoras de bens e restaurantes locais, são as numerosas visitas escolares durante a semana e os piqueniques dominicais, muitas vezes organizados por associações de bairro ou povoado.

Se comparada com outros lugares na costa ocidental africana, já glamourizados por visitas do papa e de presidentes, que ocupam um lugar central na narrativa oficial da nação pós-colonial, como a ilha de Gorée, no Senegal, e os fortes escravocratas da costa de Gana (THIAW, 2009), a Cidade Velha ainda não se tornou parte de um circuito do assim entendido como turismo étnico.<sup>11</sup> O que se expõe, ou se tenta expor, como diferente é muito parecido com outros lugares de Cabo Verde ou, simplesmente, não apela ao desejo de férias com exotismo da grande maioria dos turistas que tocam ou “fazem” Cabo Verde. Para complicar, os *resorts* ficam fora, embora somente a poucos quilômetros de distância, e ninguém ou quase ninguém se hospeda na própria Cidade Velha. A partir de 2008 até a data desta publicação (2012), aquela que explora comercialmente a recepção aos turistas é uma empresa espanhola, e isto aumenta o grau de estranhamento e os discursos sobre uma economia mágica do turismo, que daria (muito) lucro, mas somente enriqueceria os estrangeiros. Para mudar tal quadro e criar interesse por este “berço da cabo-verdianidade”, diversas associações, junto com a Câmara Municipal da Cidade Velha e, às vezes, o Ministério da Cultura, organizam atividades potencialmente dinamizadoras. Trata-se de feiras de produtos típicos, simpósios sobre temas afins à questão do patrimônio e da cultura, e festivais musicais (por vezes com dança).

Tudo isto parece ser demasiadamente “pouco diferente” para o turista ocidental. Para complicar o quadro, a promoção a Patrimônio da Humanidade da Cidade Velha em 2009 impôs limites severos à edificação, os quais criam, por vezes, ressentimentos, além de obrigarem a uma série de atividades de preservação

---

<sup>10</sup> Uma exceção é a recente pesquisa on line realizada sobre turismo pelo Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: [www.ine.cv](http://www.ine.cv).

<sup>11</sup> Ver Patrícia Pinho (2010) e [www.bahiatursa.ba.gov.br](http://www.bahiatursa.ba.gov.br).





e educação.<sup>12</sup> A sustentabilidade do projeto continua, a meu ver, um enigma. De onde viriam os turistas, se a grande maioria do turismo em Cabo Verde é do tipo internacional de *resort*, concentrado nas ilhas do Sal e Boa Vista? A ideia de que um microturismo nacional possa ser interessante não parece ocorrer a quase ninguém. Embora seja este o turismo majoritário, prefere-se sonhar com um turismo imaginário, em geral internacional e de “cinco estrelas”, a se trabalhar para estimular o turismo interno ou a visitação em massa (ver AMAR, 2008).



Figura 2. Uma feira de produtos típicos exhibe em cesto de vime ou caixas de madeira, colocados em cima de mesas enfeitadas com panos coloridos e palha de coqueiros ou folhas de bananeira: diversas compotas, doces e geleias – já confeccionados para venda ao turista em potes; a aguardente local – pura ou misturada com suco de fruta, o ponche; CDs e DVDs de música cabo-verdiana; produtos agrícolas “di terra” (cana, frutas de estação), linguiças caseiras, algum artesanato<sup>13</sup> (Extraído do caderno de campo, fev. 2009). Foto: Livio Sansone.

12 Uma vez, durante minha pesquisa de campo, uma senhora de idade aproximou-se e levantou a voz, insistindo que eu era o arquiteto (espanhol) que estava ali para limitar a liberdade de reforma das (pobres) casas dos antigos moradores. Com dificuldade, aceitou o fato de que não era eu.

13 Ao lado da feira de produtos típicos, quase sempre instalada no largo do Pelourinho, vendem regularmente seus artesanatos e quinquilharias quatro ou cinco imigrantes africanos da costa, na maioria senegaleses, que quase todo fim de semana estão neste lugar, beneficiando-se do maior fluxo de visitantes, alguns deles à procura de artesanato idealmente original e exótico. Este tipo de artesanato, segundo alguns turistas franceses que entrevistei, não se acharia facilmente no meio do artesanato de Cabo Verde. Falta de artesanato “original” é, aliás, uma das queixas dos turistas que entrevistei em diferentes lugares de Cabo Verde. Eles se queixam de que este país, de forma muito diferente do Senegal (o país mais próximo na costa africana), pouco oferece de “original”, a não ser CDs – com músicas, estas sim, vistas como algo específico de Cabo Verde. Na realidade, a falta de suposta originalidade e singularidade da cultura popular de Cabo Verde, muitas vezes tida como uma vertente pobre da cultura popular rural ou marítima de Portugal, é um tema – ou um dilema – já há muito debatido entre intelectuais de Cabo Verde e que se reapresenta cada vez que é preciso identificar uns artefatos culturais para que estes sejam musealizados, como no pequeno e interessante Museu Etnográfico da Praia (IIPC 2007) ou, mais recente, patrimonializados como parte do processo de valorização pela Unesco da Cidade Velha, elevada a Patrimônio da Humanidade.



Figura 3. No lançamento de um livro, em janeiro de 2009, sobre a memória de Amílcar Cabral no presente de Cabo Verde, realizado com a presença de cerca de 100 pessoas no átrio restaurado da igreja, usualmente usado para simpósio, servia-se durante as pausas um prato da comida típica de Cabo Verde, regado a aguardente e vinho branco da Ilha do Fogo. O som mecânico toca músicas cabo-verdianas “das antigas”. Havia cerca de 20 rapazes e moças entre 18 e 25 anos que serviam a comida para os conferencistas. Eles se vestem em trajes apresentados como típicos da Ilha de Santiago, andando descalços ou de alpargatas de couro. Eles pouco falam, tampouco entre si. Parecem acostumados a esta performance da cultura tradicional, que realizam com elegância. (Extraído do caderno de campo, fev. 2009). Foto: Livio Sansone.

Seria preciso algo mais impactante – e nisto pensam os gestores da Cidade Velha como Patrimônio da Humanidade – para se obter, por meio de um “input” externo, o crescimento do interesse por esta região. Vemos agora duas tentativas neste sentido: uma iniciada nos Estados Unidos e reinterpretada na Ilha, e outra inspirada na cultura afro-brasileira. A primeira iniciativa, que teve em Cabo Verde grande repercussão, foi aquela do navio *Amistad*. O que acontece quando chega este navio, fretado para dramatizar o momento em torno do reconhecimento da Cidade Velha? Vejamos o que diz o sítio [www.panapress.com](http://www.panapress.com) em 31 de janeiro 2008:





## **Empresários apoiam escala de réplica de navio negreiro em Cabo Verde**

**Praia – Cabo Verde (PANA).** O grupo de empresários norte-americanos de ascendência cabo-verdiana pertencente à Capeverdean American Business Organization (CABO) vai financiar a deslocação a Cabo Verde da réplica do navio negreiro “Amistad”, que deverá chegar às águas territoriais do arquipélago entre 27 e 29 de Fevereiro deste ano.

Este grupo, composto por cerca de 20 empresários que se encontram há cerca de uma semana de visita a Cabo Verde, esteve reunido quarta-feira, na Praia, com o ministro cabo-verdiano da Cultura, Manuel Veiga, a quem se comunicou esta decisão de participar nas despesas da vinda a Cabo Verde da réplica da embarcação apreendida a 26 de Agosto de 1839 em águas territoriais dos Estados Unidos com um grupo de escravos revoltosos a bordo.

A réplica do Amistad está a realizar uma viagem de 16 meses que o levará a passar por países da Europa, de África e das Caraíbas, antes de retornar à costa leste dos Estados Unidos, numa reedição científica do histórico triângulo da escravatura existente até ao século XIX. A escala em Cabo Verde acontecerá depois de o navio deixar a Serra Leoa e de uma estada no Senegal, na ilha de Gorée, para contactos com a história e a importância desta ilha no comércio transatlântico de escravos.

Em recentes declarações à rádio Voz d’América (VOA), Clifton Graves Junior, vice-presidente da Amistad Americas’ Atlantic Freedom Tour, entidade que organiza a viagem, disse esperar que a escala científica da embarcação venha a dar um novo impulso à candidatura da Cidade Velha ao estatuto de Património Cultural da Humanidade.

“Como sabe, a maioria das pessoas conhece muito pouco sobre o grande legado histórico de Cabo Verde, pelo que existe uma certa depreciação do papel do arquipélago na historiografia mundial e em particular no comércio transatlântico de escravos.

Com a nossa visita a esse porto, esperamos poder contribuir para chamar a atenção do mundo – e dos Americanos em particular – para o legado histórico dessas ilhas”, afirmou.

A viagem, concebida como um projecto científico, partiu desde a cidade de New Haven, no Estado norte-americano de Connecticut





em Junho de 2007, e prevê a escala em quase 20 portos que tiveram um importante papel no passado histórico referente à escravatura e que hoje são também “responsáveis” pela herança política, económica e social da cultura africana em todo o mundo.

A bordo da embarcação seguem cientistas dos Estados Unidos que pretendem com esta iniciativa reeditar a trajectória feita pelos escravos que assumiram o controlo, em 1839, do navio espanhol La Amistad, depois de este ter zarpado de Cuba com os escravos levados por mercadores portugueses, que por sua vez os tinham capturado na costa da Serra Leoa.

Inicialmente, tinha previsto atracar em Cabo Verde apenas para uma escala técnica, mas graças à intervenção de elementos afectos à candidatura da Cidade Velha a Património da Humanidade levou a uma reestruturação do programa da viagem da réplica do Amistad. A escala do navio na ilha de Santiago vai ser aproveitada para a realização de um programa que visa, essencialmente, envolver amplamente a população daquela localidade, através de visitas de estudo ao navio que resultarão em trocas de informação, pesquisas e estudos científicos.

E a página *on line* do semanal *Expresso das Ilhas* registra em 2 de março de 2008:

### **Navio Amistad já está em Cabo Verde**

A réplica do navio negreiro espanhol do século XIX “Amistad” já está atracado no porto da Praia. Eram 14 horas e 10 minutos, quando o Amistad aportou ao cais da cidade da Praia, colocando assim Cabo Verde na rota dos 20 portos que desempenharam papel significativo no comércio de escravos. O navio, que ficará em Cabo Verde até dia 09 de Março, recebe às 17 horas a visita oficial da delegação governamental chefiada pelo primeiro-ministro, José Maria Neves.

A tripulação do “Amistad” terá uma intensa semana de visitas e encontros com entidades nacionais, com o presidente da República, o primeiro-ministro, o ministro da Cultura e outros governantes, estando já marcada para amanhã uma volta à ilha de Santiago, numa visita guiada, de acordo com a agenda programada da comissão organizadora da visita ao Navio.





A visita guiada aos principais pontos de interesse histórico na Ribeira Grande de Santiago, antiga Cidade Velha, donde partiam os escravos africanos para a América, está marcada para o dia 7 de Março. Cabo Verde foi um espaço de «diasporização» dos africanos no Atlântico, adiantou o director científico da candidatura da Cidade Velha a património Mundial, Charles Akibodé, para quem «os primeiros escravos que chegaram à América saíram da Cidade Velha, argumentando, «temos informações certas que havia uma grande procura pelos escravos latinizados de Cabo Verde. Por isso é um momento histórico que dá uma mais valia aos argumentos do dossier de candidatura de Cidade Velha a Património Histórico», explicou Charles Akibodé. A escala em Cabo Verde faz parte de uma viagem transatlântica do «Amistad», que se juntou a agências e organizações internacionais nos Estados Unidos, Canadá, Europa, África Ocidental e Caribe no reconhecimento e celebração do bicentenário da abolição do comércio atlântico de escravos no antigo Império Britânico e nos Estados Unidos da América. Esta viagem de 18 meses – chamada «Viagem da Liberdade, cooperação, intercâmbio cultural e celebração – vai refazer o triângulo do comércio escravagista (África-Europa-América).

A operação, que é de fato comercial, promete conferir imensos benefícios a lugares, eventos e pessoas que serão tocados pelo navio Amistad e sua rede internacional de apoio. Como parte disto, o legado da escravidão deixará de ser uma mancha ou uma ferida para se tornar algo que conecta lugares e eventos à modernidade do Primeiro Mundo (sobretudo os Estados Unidos); e, para Cabo Verde, conectar-se com os Estados Unidos pode levar a um grande aumento no fluxo de turistas, sobretudo dos assim chamados “turistas étnicos” – e isto deve progredir em função do advento da eleição de Obama. Ademais, a Cidade Velha deixará de ser um problema (por ser emblema de um passado a ser esquecido e algo difícil de preservar em termos de património material) para se tornar uma solução – uma ponte com o bem-estar, seja qual for seu lugar no mundo.<sup>14</sup>

14 O uso de navios de época para fins de ufanismo e/ou projetos de resgate de alguma tradição (náutica ou não) é coisa antiga e não limitada a Cabo Verde. Os vários navios-escola das Marinhas de guerra podem servir neste sentido, assim como as réplicas de navios vikings, caravelas de Colombo, fragatas da Guerra Civil norte-americana, navios negreiros em vários museus da escravidão. E como esquecer a malograda réplica da nau portuguesa que deveria servir para celebrar os 500 anos do assim chamado Descobrimento do Brasil, mas que mal conseguiu navegar e que, depois de enormes gastos de dinheiro público e de inúmeras acusações pelo fato de não ser apta à navegação, ficou ancorada no Museu da Marinha no Rio de Janeiro? Disponível em: [http://www.mar.mil.br/menu\\_h/noticias/espaco\\_cultural/Nau\\_dos\\_descobrimentos.html](http://www.mar.mil.br/menu_h/noticias/espaco_cultural/Nau_dos_descobrimentos.html).





Em um dia de sol de fevereiro de 2008, o Amistad joga a âncora na frente da Cidade Velha. Dois botes levam e trazem a tripulação para a praia e os muitos curiosos para visitar o navio. A tripulação é formada pelo capitão, três marujos, um grupo de jovens americanos entre 20 e 25 anos de idade, entre os quais alguns negros, um par de norte-americanos aposentados e dois ou três jovens africanos – um deles é militar da Serra Leoa. Em torno das 11 da manhã chegam os políticos, entre os quais o ministro da Cultura e o presidente da República. Depois do almoço na praça de Pelourinho, do lado da praia, começa um show cultural. Há **discursos dos políticos nacionais e locais**, enaltecendo a importância do patrimônio material e imaterial da Cidade Velha e celebrando a grandeza da visita de tal navio que ajudará a divulgar para o mundo afora a, até então, internacionalmente pouco conhecida história da Cidade Velha. O show musical é formado por uma sequência de atrações: canta-autores, um grupo de *batuco* e um grande grupo de dança afro – que começa a dançar no palco para depois descer para o público – na praça que é enfeitada com as bancas da feira de produtos típicos. O grupo de dança é a grande novidade, sendo composto por cerca de 30 rapazes e meninas entre 15 e 25 anos de idade. Longe de ser em estilo que aparentasse as danças cabo-verdianas, tradicionais ou menos, como o zouk, lembrava muito de um show de um grupo de dança afro em uma praça de Salvador da Bahia. Torso nu de rapazes e meninas com top de biquíni, saia de palhas, corpos pintados de branco (como no bloco afro Timbalada), adereço e enfeites de noz de coco ou búzios, cabelos afro ou em *dread locks*. (Extraído do caderno de campo, 20/2/2008).

Esse uso da dança afro (brasileira) e da parafernália dos blocos carnavalescos afro, sobretudo aqueles de Salvador, Bahia, como artefato dinamizador e espetacular, algo que pode atrair atenção para fenômenos culturais, digamos tradicionais, não é uma completa novidade. É algo que se percebe há anos no carnaval do Mindelo – por exemplo, nas imagens no Youtube dos carnavais de 2009 a 2011 – onde, depois de décadas de influência do carnaval carioca e de suas escolas de samba, reinterpreta-se ícones do carnaval soteropolitano, como os trios elétricos e os blocos afro e sua reinvenção da África (SANSONE, 2004) ou reafrikanização da prática do carnaval (RISERIO, 1984). Nos últimos seis, sete anos, tentativas neste sentido foram feitas também na cidade da Praia, em um esforço mais amplo de revitalizar a tradição do carnaval de rua.





Como importante agente de mudança e organizador deste carnaval da cidade da Praia, encontramos um animador cultural bem conhecido: trata-se de um artista com cerca de 40 anos de idade que experimenta a partir de diversos recursos, sobretudo artes cênicas, artesanato (ou arte popular como ele prefere chamar), música e dança. É um verdadeiro agente dos dois mundos, de uma criatividade extraordinária: nascido na Praia, filho de um importante político, formou-se em educação física em uma universidade no sul do Brasil, onde ele residiu por vários anos e encontrou artistas, ativistas negros, artesões e intelectuais. Ele transita muito pelo arquipélago e internacionalmente, e é, por assim dizer, abasileirado, pelo menos nos gestos, na relativa informalidade durante nossa entrevista e no sotaque quando fala português comigo. Tem cabelo rasta e, contrariando a prática da elite de Santiago, fala crioulo com o filho em público. Ele é atento aos temas do meio ambiente e à **necessidade da reciclagem** – aspectos presentes nos adereços de suas coreografias. Estas, aliás, celebram a mistura e a invenção: dança afro vai junto com dança do *batuco*, criando formas novas – por exemplo, apresentando um conjunto de jovens homens, de torso nu e vestindo curtas saias de palha de coco, que dançam com energia, embora no *batuco* tradicional seja só a mulher quem dança.

Jamal, pseudônimo aqui para este importante animador cultural, veste roupa africana ou afro-baiana (batas de bloco afro) e também nisto é um dos poucos na Praia. Aliás, uma forma de pesquisar a complexa relação do país com seu lugar entre África, América e Europa seria estudar a prática e a política do vestir em Cabo Verde: identificar quem, como e quando se veste com roupa africana e de que roupa africana se trata; quem e quando veste roupa tradicional como, no caso das mulheres, lenço e saião, *pano di terra* (sobre este tema veja-se LOPES FILHO, 1997). Minha observação é que a roupa chamada de tradicional somente é usada no interior da Ilha de Santiago, ou raramente em algumas celebrações das tradições, como a redescoberta do *batuco* ou *tabanka*, na Praia; quase não se usa em outras ilhas ou até, como no Mindelo, representa um sinal distintivo das *rebidantes*,<sup>15</sup> as mulheres *badias*<sup>16</sup> – que até lá viajam, sobretudo de navio, para vender diversos produtos de casa em casa ou em algumas ruas, sobretudo do centro.

<sup>15</sup> Rebidantes é o termo usado para as mulheres que comerciam com frutos, peixes ou mercadorias importadas de vários países e de diferentes formas (GRASSI, 2006). Esta profissão se encontra em constante mudança. Por exemplo, a chegada de numerosos revendedores chineses, que tramitam diretamente vários tipos de produtos da China, altera profundamente as redes de distribuição em Cabo Verde (BEURET, 2008; ver a tese de doutoramento de Tatiana Reis no Programa de Estudos Étnicos e Africanos, UFBA, 2012).

<sup>16</sup> Badio/a é o como se chama o morador das ilhas de Sotavento (Santiago, Fogo, Brava e Maio). O termo vem da palavra vadio, mas nem sempre tem hoje um sentido negativo. Os moradores das ilhas de Barlavento (S. Vicente, S. Nicolau, S. Antão, Sal e Boavista) são chamado de sampajudos/as.





Este ativista do campo da cultura tem um discurso elaborado e coerente sobre a criatividade, a inventividade e a necessidade de tornar os cabo-verdianos mais conscientes de suas raízes culturais, em boa parte de origem africana. O argumento é que a forma pela qual, no Brasil, os negros têm redescoberto com tanto esforço suas raízes culturais na África – sua africanidade e negritude – não obstante o racismo dos brancos e as tantas dificuldades ligadas à distância com a África, pode e deve ser fonte de inspiração e instrumento de luta cultural em Cabo Verde, onde muitas pessoas ainda renegam a África a qualquer custo. Vejamos agora trechos de uma longa entrevista que ele concedeu à TV portuguesa em 2009 (Disponível em: [http://videos.sapo.ao/rtp\\_africa/playview/2](http://videos.sapo.ao/rtp_africa/playview/2)):

[...] Sou um investigador dos ritmos tradicionais cabo-verdianos. Interesse-me pelos ritmos que escutei na rua, desde criança. Em crioulo se diz “cultura sabi no chon de bo” (a cultura é bonita na tua terra). [...] Sempre um bom filho regressa a casa e nossos músicos viajam e se inspiram nas músicas de outros países, mas a uma certa hora se voltam de novo para a terra. Lá fora as pessoas estão à procura de valores interculturais, mas aqui, depois do Ronaldo Pantera [LS: inesquecível compositor, já falecido], não houve um posicionamento de amor às raízes musicais. [...] Tenho uma abordagem que não deixa de ser tradicionalista, mas universalista também. Combino elementos afro com elementos afro-cabo-verdianos: eles têm uma raiz ancestral comum.

A Ilha de Santiago e, de alguma forma, os Badius e sua cultura têm sido vistos como componentes da cultura e da população de Cabo Verde mais próxima da África, ou mais afastada de Portugal, por disporem tradicionalmente de artefatos como a *tabanca*, o *batuco*, o *funana*, o *pano di costa* e as formas de as mulheres se vestirem, o que as tornariam “diferentes”. No extremo oposto, a cidade de Mindelo, na Ilha de S. Vicente, representa no imaginário do assim chamado bairrismo cabo-verdiano (LOPES, 2007) o alter ego da cidade de Praia. Mindelo é, por assim dizer, a capital cultural dos sampajudos. Seria, desde sua formação inicial, a porta de entrada no arquipélago dos usos e costumes e das culturas europeias (CORREIA E SILVA, 2000). Aquilo que caracterizaria ou tornaria “diferente” em termos de cultura esta cidade é seu importante carnaval. Sabemos que o carnaval é, quase por definição, uma festa que facilmente sincretiza, hibridiza, reinventa e mistura – principalmente em um diálogo bastante intenso com os carnavais de outros lugares.







O carnaval do Mindelo apresenta-se como uma expressão em diálogo com o carnaval brasileiro, inicialmente aquele do Rio de Janeiro e, mais recente, também aquele de Salvador. Tenho conhecimento de uma única e recente publicação sobre o carnaval contemporâneo em Mindelo, resultado de uma pesquisa de mestrado (RODRIGUES, 2011), mas de nenhuma pesquisa científica sobre a história deste carnaval. Por isso, quanto à sua história há informações divergentes. Sabemos que tomou força sobretudo depois da Independência, e que o diálogo entre esta festa mindelense e o Brasil já inspirou uma famosa música de Cesária Évora, no disco *Café Atlântico*, “S. Vicente é um Brasilin” (um Brasilzinho). Importante ressaltar que esta centralidade do carnaval e de seu diálogo com o Brasil, na autorrepresentação daquilo que seria a essência da cultura popular no Mindelo, presente tanto nas opiniões dos intelectuais desta cidade com os quais falei quanto nas brochuras turísticas, cria um contexto para a Africanidade e sua espetacularização diferente da cidade da Praia.<sup>17</sup>

Vejam agora o caso da capoeira de Mindelo que existe, de forma documentada, há pelo menos uma década. Há cerca de cinco anos permanece de forma mais estruturada, não mais somente como uma roda ocasional, mas uma verdadeira escola ou academia de capoeira instalada em um galpão no centro de Mindelo, ao pé do centro cultural, onde se realizam exposições, há a melhor livraria e se encontra um dos cafés preferidos pelos intelectuais mindelenses.

A mensagem mais importante da academia de capoeira é que em S. Vicente, assim como nas cidades brasileiras, para os meninos pobres e à toa, nada melhor do que a disciplina de um mestre de capoeira. É uma mensagem que, por sua força intrínseca, assim como pelas inegáveis capacidade e profissionalismo do mestre, tem êxito: embora menos do que seria desejado pelo mestre, o poder local apoia a academia. Foi com surpresa que me encontrei, inicialmente por acaso, no meio de uma escola de capoeira. Hierárquica, disciplinada e emocionante como estas escolas tendem a ser. Repeti lá, logo na minha chegada, o erro que já tinha cometido uma vez no Brasil: sentar por engano na poltrona do mestre. Imediatamente, de jeito firme, um jovem adepto me mandou sentar no bem menos cômodo banco de madeira para os visitantes. Isto indica que o mestre já tinha ganhado na cidade de Mindelo o respeito e a disciplina canônicos nas academias de capoeira em qualquer cidade do Brasil.

Fred, como eu chamo neste texto nosso mestre, tem por volta de 35 anos, é pardo, nascido e criado em Minas Gerais, com nível de escolarização médio.

---

<sup>17</sup> Na cidade da Praia, o Carnaval também está a passar por um processo de revitalização e reinvenção. Embora eu não saiba de publicações resultado de pesquisas, são abundantes os relatos jornalísticos e as imagens na internet. Veja-se, entre outros, <http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/lusa/2007/02/20/ult3680u420.jhtm>





Ele entende, mas não fala crioulo. Em 2007 ele formou uma ONG baseada em Mindelo, aluga um prédio histórico (um galpão no centro desta cidade) e se auto-produz como evento cultural. Produz um DVD chamado *Capoeira em Cabo Verde* – enfeitado com as bandeiras do Brasil e Cabo Verde.<sup>18</sup> Entrevistei-o e depois ele, gentilmente, levou-me para conhecer lugares na Ilha de S.Vicente.

Agora, trabalhar em Cabo Verde com capoeira está fácil. Quando cheguei aqui, já havia rapazes que tinham conhecido a capoeira no Brasil e que aqui queriam continuar. Então, quando cheguei, já como mestre, tive a sensação de que em Cabo Verde poderia ser pioneiro [...] (março 2008).

## CONCLUSÕES

Como mencionado na introdução, a fusão de culturas para a criação de algo novo e original e sua reivindicação como uma das características essenciais da cabo-verdianidade são processos tão antigos quanto a história de Cabo Verde como entidade político-cultural e depois como país independente. Em torno da cultura popular do arquipélago, antes reprimida em suas feições pouco-europeias e depois promovida como alma da terra, há muito se dá a luta pelo controle de sua força aparentemente intrínseca, em um processo que contribui para aumentar a polifonia daquilo que seria o caráter popular da cultura. Como mostrou em seu livro *Maria Turano* (s.d.), na fase pós-independência, alguns intelectuais cabo-verdianos usaram explicitamente a invenção e a criatividade para tirar do esquecimento e valorizar formas culturais até então reprimidas pelo poder colonial, porque consideradas primitivas ou de origem africana. Turano cita o caso conhecido do grupo **músico-cultural Bulimundo, reformulando gêneros musicais** como *fição*, *batuco* e *funana*, e do grupo teatral Korda Kabuverdi, que tentou revitalizar a tradição africano-católica da *tabanca* urbana por meio de sua teatralização e dramatização.<sup>19</sup> Hoje em dia, esse processo se dá em um contexto em mudança ainda mais rápida, devido ao avanço e à consolidação da globalização, especialmente em alguns de seus âmbitos. Temos alguns exemplos desta mudança, assim como de novos atores ou motores:

1. As viagens Sul-Sul não são mais somente monopólio de padres, antropólogos

<sup>18</sup> Vejam entrevista on line disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=UsGJv94MeC8&feature=related>

<sup>19</sup> Trajano Filho (2009) mostra que o contexto da *tabanca* no interior da Ilha é muito diferente e está menos sujeita a agentes externos, como os animadores culturais.





ou diplomatas, mas concernem, nos últimos anos, a ativistas da negritude, ca-  
poeiristas, músicos, mães e pais de santo, estudantes, empresários, pastores  
pentecostais, publicitários e marqueteiros e, ainda, aventureiros. Pesquisar essas  
novas trajetórias pessoais e as estratégias de sobrevivência que elas evidenciam  
parece-me importante.

2. O surgimento da internet<sup>20</sup> e de novas tecnologias comunicacionais em geral.<sup>21</sup>

3. O fortalecimento, agora também no Sul Global, de um conjunto de  
acordos e até de leis internacionais que visam ao amparo e à divulgação não  
somente do patrimônio em si, mas de forma mais específica do patrimônio  
imaterial ou intangível.

4. O amadurecimento do processo democrático, que tem por si só gerado  
uma crescente demanda de internacionalização e abertura, tanto no Brasil  
como em muitos países africanos.

5. O crescimento – ou, em certo sentido, a retomada – da influência do Brasil  
(e de Angola, que neste texto não tratei) em termos de cultura, música e reli-  
giosidade popular, que introduz mais variedade na relação com os países de fala  
portuguesa – entre os quais não mais estaria de forma preponderante Portugal  
como fonte de inspiração.

Essas novidades proporcionam novas oportunidades, assim como novas ten-  
sões na sociedade cabo-verdiana. Vê-se, entre outras, a desesperada necessidade  
de produzir uma diversidade cultural cabo-verdiana que torne este país “diferen-  
te” dos demais. Se for mestiço e crioulo, pode ser bom em alguns âmbitos, mas  
pode ser um ônus quando no panteão das nações cada país, culturalmente, tem  
que ser diferente dos outros. Este é, de fato, o paradoxo da patrimonialização em  
Cabo Verde: como é possível ter clareza classificatória, que parece ser necessária  
para identificar e distinguir os aspectos e os artefatos merecedores de apoio e  
reconhecimento por parte do poder público, numa sociedade que se pensa como  
crioulizada? Seria, de alguma forma, possível patrimonializar a mestiçagem, ou  
é este um fenômeno que pode até ser celebrado na cultura popular e na erudita,  
mas que com mais dificuldade pode vir a ter reconhecimento formal por parte do

---

20 Interessante ressaltar que sobre todos os temas que expus neste texto há bastante informação na web.  
Desta forma, isto nunca tinha me acontecido. Isto se deve a dois fatores: cresce de forma exponencial  
a exibição na web de fenômenos culturais até pouco tempo atrás relativamente isolados, que passam  
assim da invisibilidade para a hiperexposição; a vida cultural de Cabo Verde e o debate sobre a cabo-  
verdianidade e a identidade nacional estão sendo bastante veiculados pela web – à relativa fraqueza  
da mídia impressa neste país de ilhas esparsas faz frente à web (em todas as praças públicas de Cabo  
Verde há wireless grátis!). Isto deve ser levado em conta em nossa metodologia de pesquisa, assim  
como na relação sujeito-objeto durante a pesquisa. Neste sentido, a tese de doutorado de Sonia Melo  
(2007) representa uma importante novidade.

21 Veja-se a exposição “Africa Away From Home” organizada por Antonio Motta, em 2011, no Museu Fe-  
deral da Abolição em Recife, que mostra o quanto celulares, blogs, Orkut, Facebook e Skype mudaram  
o jogo de força no cotidiano das relações Brasil-África.





Estado moderno que se proclama multicultural? De fato, no moderno panteão das nações parece ser mais aceito o modelo multicultural do que a noção de mestiçagem ou creolização – sempre colocada em discussão nos grandes projetos geográfico-político- raciais desde o Congresso de Berlim em 1884-87.<sup>22</sup>

Ironicamente, os países que tradicionalmente têm se definido ou têm sido definidos internacionalmente como mestiços parecem hoje ter dificuldade em verbalizar esta sua característica em uma linguagem facilmente inteligível no âmbito do discurso global de valorização da diversidade. O enunciado da mistura ou do hibridismo tende a ser mais valorizado, como atributo de uma modernidade tardia, em países que não fizeram da mistura parte integrante de sua narrativa nacional. Neles, esta mensagem se apresenta como a forma moderna de lidar com a diversidade cultural proporcionada pelas várias facetas da globalização (migrações, fluxos culturais, cultura digital etc.).

Se esta pesquisa corrobora algumas das assim chamadas regras da globalização das culturas e de seu processo de patrimonialização, nela também me deparei com alguns verdadeiros enigmas. Por que o candomblé não é exportado do Brasil para Cabo Verde? Não creio que algum pai de santo ou mãe de santo brasileiro jamais tenha tentado fincar pé no arquipélago, mas sim em outros lugares não negros, como em Rio de la Plata ou na Europa. Por que a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) chega forte e chegam também, de forma mais sutil, os curandeiros da Guiné Bissau? Será que em Cabo Verde não há espaço para uma reinterpretação da religiosidade afro-brasileira?

Evidentemente, tanto a vivência religiosa quanto o mercado religioso estão relacionados com o contexto identitário mais amplo e este, no caso de Cabo Verde, não tem sido fértil para todos os ícones associados às culturas afro-brasileiras. Talvez este enigma possa ser desvendado se se pesquisar detalhadamente a trajetória desses “empresários étnico-culturais-religiosos” transatlânticos. É igualmente importante ver o contexto em que eles operam, as forças políticas e econômicas envolvidas. O poder identitário de um determinado artefato cultural – sua capacidade de mobilizar ou acionar identidade – depende muito mais desses contextos do que do valor intrínseco de um objeto, música, letra, dança

---

22 Nesse congresso que, entre outras impactantes decisões, estabeleceu não por acaso uma única contagem do tempo cujo fuso horário zero começava em Greenwich-Londres, chega a ser formalizada uma geografia racial do mundo, na qual a cada continente corresponderia uma daquelas que eram definidas então como “grandes raças”. Nos mapas-múndi da época, a Europa tende a ser de cor verde ou rosa, a África de cor marrom escuro, a Ásia amarela e a América vermelha – a Oceania, muitas vezes colorida de azul, fica como um espaço deslocado, sem uma “grande raça” nativa. Nesse congresso, assim como nos dois sucessivos congressos internacionais sobre a raça, não parece haver um lugar do mundo próprio dos mestiços, e até na escala evolutiva o lugar deles não está definido. Nesses congressos, em alguns casos, somente há espaços para os mestiços como solução temporária para a “questão racial”. Se as “grandes raças” foram assim inscritas na geografia, os mestiços foram dela excluídos.



ou, simplesmente, jeito. Por exemplo, vimos neste texto como a capoeira pode ter um “valor” na Cidade Velha e outro diferente no Mindelo, entre outros motivos, em consequência do apoio do Estado ou de ser parte de uma iniciativa em boa medida voluntária.

Em suma, as imagens sobre a África e os africanos elaboradas na diáspora, com fins antirracistas e identitários, tendem a relegar a África a um passado estático, pré ou antimoderno, indo de encontro às tentativas de muitos intelectuais no próprio continente africano no sentido de possibilitar uma existência cosmopolita na África e uma visão dinâmica da história africana. Por outro lado, essas imagens diaspóricas da África reverberam na realidade africana. Isto funciona como um cobertor curto: deste lado do Atlântico, a África é redescoberta em toda uma série de feições pré ou até antimodernas (**primitiva, instintiva, telúrica, natural, uterina** etc.); daquele lado do Atlântico, as pessoas e os fermentos culturais não ficam imunes a esses processos: repudiam-no ou os reinterpretam para outros fins. Os usos e abusos da África no Novo Continente afetam o Velho Continente.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAR, Paul. Contesting Myths, Critiquing Cosmopolitanism, and Creating the New Cairo School of Urban Studies. In: AMAR, Paul & SIGERMAN, Diane (orgs.). Cairo Cosmopolitan: American University in Cairo Press, 2006.

BEURET, Michel. *La Chinafrique: Pékin à la conquête du continent noir*. Paris: Grasset, 2008.

CORREIA E SILVA, Antonio. *Nos tempos do Porto Grande do Mindelo*. Praia / Mindelo: Centro Cultural Português, 2000.

COUTO, Mia. Amado Jorge. Uma leitura africana de Jorge Amado. Conferência proferida no encerramento do XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, 8 de agosto, 2011.

FERNANDES, Gabriel. *Em busca da Nação. Notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo*. Florianópolis-Praia: Editora da UFSC/IBNL, 2006.

FURTADO, Cláudio & LAURENT, Pierre-Joseph. Le pentecotisme bresilien au Cap-Vert. L'Eglise Universelle du Royaume de Dieu. *Archives de Sciences Sociales des Religions*, 141, p. 113-131, 2008.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro – Modernidade e Dupla Consciência*. Rio de Janeiro: Editora 34/UCAM, 2002.

GRASSI, Marzia. *Rabidantes. Il volto femminile del commercio transnazionale a Capo Verde*. Milano: Franco Angeli, 2006.

HERNANDEZ, Leila. *Os filhos da terra do sol: a formação do Estado-nação em Cabo Verde*. São Paulo: Selo Negro, 2002.

IIPC – Instituto da Investigação e do Patrimônio Culturais. *Museu Etnográfico da Praia, Catálogo da Exposição*, Cabo Verde, 2007.

LOBBAN, Richard. *Cabo Verde. Crioulo Colony to Independent Nation*. Oxford: Westview Press, 1995.

- LOPES, Elsa Maria Almeida Fontes. *O bairrismo em Cabo Verde. Santiago e São Vicente*. Praia: Tipografia Santos, 2007.
- LOPES FILHO, João. *O corpo e o pão. O vestuário e o regime alimentar cabo-verdianos*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1997.
- MELO, Sonia. *Connection@Cape Verde. Postcolonial Globalisation Through the Internet*. Tese de Doutorado, Nottingham Trent University, 2007.
- MBEMBE, Achille. As formas africanas de autoinscrição. *Estudos Afro-Asiáticos*, 23 (1), p. 171-209, 2001.
- MIGNOLO, Walter. *The Idea of Latin America*. Oxford: Blackwell, 2005.
- MUDIMBE, Valentin. *The Invention of Africa: Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge (African Systems of Thought)*. Bloomington: Indiana University Press, 1988.
- PINHO, Patricia. *Mama Africa: Reinventing Blackness in Bahia*. Chapel Hill: Duke University Press, 2010.
- REIS, Tatiana. *As rebidantes. Relações de gênero e economia informal em Cabo Verde*. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos), Universidade Federal da Bahia, 2012.
- RISÉRIO, Antonio. *Carnaval Ijexá*. Salvador: Corrupio, 1984.
- RODRIGUES, Moacyr. *O Carnaval do Mindelo. Formas de reinvenção da festa e da sociedade*. Mindelo (Cabo Verde): Alfanumerico, 2011.
- SANSONE, Livio. *Negritude sem Etnicidade*. Salvador / Rio de Janeiro: Edufba / Pallas, 2004.
- \_\_\_\_\_. Que multiculturalismo se quer para o Brasil?. *Ciência e Cultura*, 59, p. 24-28, 2007.
- \_\_\_\_\_. The making of Suriland. The Binational Development of a Black Community between the Tropics and the North Sea. In: CERVANTES-RODRIGUEZ, Margarita; GROSFUGUEL, Ramon & MIELANTS, Eric (orgs.). *Caribbean Migration to Western Europe and the United States: Essays on Incorporation, Identity, and Citizenship*. Philadelphia, Penn: Temple University Press. p. 169-188, 2010a.
- \_\_\_\_\_. Desigualdades e narrativas identitárias em Cabo Verde: em ilhas sem mata não dá para se esconder. In: TRAJANO FILHO, Wilson (org.). *Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional*. Brasília: Athalaya, p. 75-91, 2010b.
- SANTOS, Flávia Lenira Marques dos. Construção patrimonial da Cidade Velha: usos políticos, turísticos e identitários. In: LUCAS, Maria Elizabeth & SILVA, Sergio Baptista da (orgs.). *Ensaio etnográfico na ilha de Santiago de Cabo Verde*. Praia / Porto Alegre: Editora UNICV / UFRGS Editora, p. 25-74, 2009.
- THIAW, Ibrahima. Archeologie de l'île de Goree, au Senegal. Chaque maison a une histoire. In: SANSONE, Livio; SOUMONNI, Elise & BARRY, Boubacar (orgs.). *La construction transatlantique d'identités noires. Entre Afrique et Ameriques*. Paris: Karthala, p. 41-56, 2009.
- TRAJANO FILHO, Wilson. The conservative aspects of a centripetal diaspora: the case of the Cape Verdean *tabancas*. *Africa*, 79 (4), p. 520-542, 2009.
- TURANO, Maria. *Un'idea di Africa*. Lecce: Grafo7 Editrice, (s.d.).



